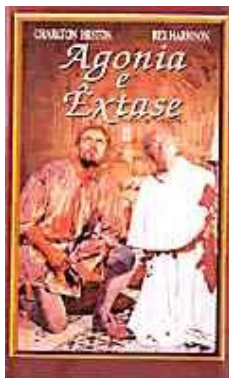


Agonia e Êxtase!

por *Bernardo Veiga* – Instituto Aquinate e UFRJ.



1. Ficha Técnica: Título Original: *The Agony And The Ecstasy*. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 134 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1965 Distribuição: 20th Century Fox Direção: Carol Reed Roteiro: Irving Stone, Philip Dunne Produção: 20th Century Fox, International Classics Elenco: Charlton Heston, Rex Harrison, Diane Cilento, Harry Andrews, Alberto Lupo, Adolfo Celi, Venantino Venantini, John Stacy, Fausto Tozzi, Maxine Audley, Tomas Milian (http://epipoca.uol.com.br/filmes_detalhes.php?id=949)

2. Sinopse: O clássico *Agonia e Êxtase* é uma verdadeira aula de história focando o renascimento italiano a partir da tensa relação entre o pintor Michelangelo (Charlton Heston, de *O Planeta dos Macacos*) e o papa Júlio II (Rex Harrison, de *My Fair Lady*). O artista foi contratado para pintar o teto da Capela Sistina, mas, como todo bom renascentista, ele tinha um tempo próprio para desenvolver seus projetos. O filme mostra Michelangelo como uma figura proeminente na sociedade florentina, um artista ímpar que está criando sua maior obra-prima, mesmo que isso signifique desafiar um dos homens mais poderosos do mundo. A relação entre os dois explora os conflitos éticos e morais da época. Um vive para Deus, enquanto o outro, para sua arte, criando um embate entre a fé e a vontade do artista. Algumas cenas já entraram para a história do cinema, como aquela em que o artista recebe a inspiração para criar a pintura "O Nascimento do Homem" (uma das mais famosas de todos os tempos). Os traços dramáticos da obra são fruto da batuta experiente do britânico Carol Reed (*O Terceiro Homem*), o roteiro é baseado no best-seller homônimo do escritor Irving Stone, e o filme conquista ainda pelas belas imagens da Florença, com suas torres, catedrais e estátuas. (<http://www.cahu.com.br/>)

3. Análise: Qualquer filme que fosse bem conduzido se tornaria um clássico somente pelo tema: A pintura da capela Sistina. O que mais chama a atenção é a certeza inquestionável de que o papa Júlio II e Michelangelo desejavam tal arte para mostrar a glória de Deus. Deus se mostra vivo e ativo em todas as obras de arte que deixam transparecer os vestígios da sua beleza em uma nova

criação. Quando Dante afirma que a natureza é arte de Deus, podemos dizer que as grandes obras de arte mostram um quê de divino e o artista se torna um co-criador, nas predisposições causais da divina criação. Um dos diálogos, quando o Michelangelo havia acabado de pintar Adão, no momento da criação, o papa se surpreende com o semblante de Adão, e pergunta: “É assim que você vê o homem, tão inocente?”, “É assim que o vejo antes do pecado”. Júlio II conclui que somente os artistas e os santos possuem um contato maior com Deus; uma inquietação que ao mesmo tempo os leva a uma agonia e êxtase diante do contato com o divino. O filme também mostra algumas questões políticas entre o clero, sobretudo o próprio papa, e os reis, mas tudo sempre permeado de uma profunda realidade, devoção e piedade. Os diálogos entre Michelangelo e o papa são excelentes, mostram a sutileza e beleza de uma argumentação cristalina, fruto de uma lógica escolástica, muito diferente das confusas discussões pós-modernas em que se despreza conscientemente uma argumentação lógica e nega as possibilidades de conclusão. Enfim, é um filme que mostra a persistência de uma artista que contra todas as adversidades, as supera com o único sentido de poder oferecer a sua arte a Deus e às futuras gerações para amá-lo e contemplá-lo parcialmente por meio da beleza da obra.